

**Francisco  
José  
Viegas**

**Deixar  
Um  
Verso  
a Meio**

PLURAL



**Francisco  
José  
Viegas  
Deixar  
Um  
Verso  
a Meio**

## DEPOIS DE AS ROSAS NO JARDIM O LEMBRAREM PARA SEMPRE

É como se nos despedíssemos por vezes de tudo o que arde entre os dedos e não se separa de nós, vitrais e outras correntes que demoram o movimento das clepsidras. Quanto tempo demora o tempo a passar? O ruído das aves, os rios

que no seu destino despertam novas águas, outras aves aguardando o estio mais violento? Esse rumor não cessa, nada cessa no movimento dos barcos que lentamente se separam, lentamente se afastam dos litorais onde era doce

lembrar a primeira das despedidas. Vão sucedendo entre nós as despedidas. Mas o rumor não acaba nunca, como uma dor interminável. Que farei dela nesse instante que traz

à praia, como restos do mar, os traços da pele, os olhos, os dedos daquele que partiu? É como se nos despedíssemos e uma alegria mais intensa para sempre nos habitasse.

GAILLIMH OILEÁN (GALWAY ISLANDS)

Perde-se o grande amor, é esta a razão  
que aproxima e afasta o mundo. Por isso,  
nas ilhas diante de Galway  
vi o rosto do céu debruçado sobre o mar,  
por entre a chuva. Não encontro outra razão,  
outro motivo.

## VERÃO, OUTONO

Antigamente havia em mim um nome gravado a fogo e eu morria por ele. Eu fechava os olhos e o nome pedia-me a luz, a manhã, a música. Antigamente eu imaginava a delicadeza, as florestas, os bosques reduzidos ao silêncio pelos subterrâneos

da tarde, e ser tocado no rosto era ser ferido por uma imensa beleza, pelos olhos da planície, como um animal adormecido, como um lugar onde deitar a cabeça e adormecer sonhando com o deserto. No deserto eu estava a salvo, caminhando nos

declives e havia palavras imensas, palavras como o trigo e o mar e as raízes e os relâmpagos e um rosto e os campos do outono e isso era como ficar cego no meio da luz estremecendo entre as poeiras, as cores da manhã, as veredas dos bosques. E eu olho

fixamente esse rosto de fogo, toco uma vez essas mãos, amo demoradamente a distância, comovo-me perdido na sua voz, enquanto passa no mundo uma estranha ventania.

## UMA DESPEDIDA EM REYKJAVÍK

Despeço-me das ruas de Reykjavík  
depois de a chuva ter caído. Em breve,  
com o vento frio vindo de Husavík,  
será a neve a cair na avenida  
mais próxima da baía.  
Sente-se já esse vento, como uma  
doce ameaça a pairar sobre os telhados  
coloridos da cidade.  
Mas, a esta hora, a neve desconhece  
ainda as cores que a recebem — só o lago,  
iluminado pelo luar, se abre ao céu  
com a sua face transparente.

I

O primeiro som devora-o a noite, mas fica para sempre  
— por ter sido a primeira das coisas comuns. Aquele  
minuto, nunca o repetes. Vagamente o lembrarás mais tarde,  
porque é frequente falar-se do mistério da vida. Já o esqueceste,

muitas vezes choveu sobre ele e sobre nós, os relâmpagos  
não bastam para que o mundo o mostre. Chamas-lhe revelação,  
ao gesto que abre os braços, o primeiro olhar que se ama  
lentamente, nele cabe o silêncio anterior, as coisas que estremecem

só de terem um nome, uma sombra, um modo de adormecer.  
A partir daí, do primeiro som, tudo recomeça enquanto o dia  
se não curva; repousando, agora, ela perfuma a vida. Haverá outra

maneira de descrever todas as coisas que nascem assim — mas  
esta basta, é a mais simples. A mais amada das coisas cede  
o seu lugar por esse minuto, esse som, o gesto que abre os braços.

## LENDO O QUE ESCREVES

Alguém lê o que escreves, triste consolação,  
pálida alegria, caindo a tarde sobre as coisas.  
A vida perfeita vem do outro lado do mar,  
como uma frase que nunca foi dita, amável  
claridade que os seus olhos nunca atormentam;  
não têm fundo. A vida perfeita é breve.

Cada palavra é um resumo — e, em cada palavra,  
quanto deixas de teu?, quanto delas se perde  
nas florestas? O silêncio protege-te de ti mesmo,  
guarda os dias para os grandes passeios  
entre as fronteiras da terra distante, onde a luz  
te espera; guarda qualquer coisa nesse espaço

em branco do teu coração. Quantas noites  
o que escreveste se perdeu — sem saberes, afinal,  
que para ela escrevias? Tentação quando a tua  
natureza cede e a vida regressa para que tu fales,  
alguma vez falando de amor, quase sem respirar.  
Que não esteja nos teus braços, mas que se aproxime,

como o calor da ventania, os passos da areia, a sede  
de outra sede igual. Como saberias que o amor existe  
longe da sua pele? Se escreves, sobre isso escreves,  
e dizes o nome dos planetas, das feridas. Esperas  
que venha esse sinal e te chame enquanto a noite  
não sabe de que lado está, nem de que lado dorme.



## O TIO LUÍS

Agora, enterrar os mortos, devolvê-los à terra —  
os mais novos envelhecem um pouco, o rosto  
procura ser parecido com o dos seus maiores  
para que uma sombra, sequer uma sombra,

permaneça entre nós. O meu tio deu a volta  
ao mundo; agora está a dois passos da casa  
onde nasceu, como se regressasse àquela paz  
de freixos, choupos, olmos, muros em ruínas

vistos do alto da serra, prolongando as colinas  
até à aldeia. Enquanto escurece ouve-se o ruído  
das fontes, e o das cancelas, abertas para o vale.

Deixamos os mortos entregues ao tempo, à poeira,  
ao destino. A terra conserva esta sabedoria cruel —  
recebe como dádivas todas as nossas recordações.

## AS CEREJAS DE CHAOYANG

Há poucas coisas tão completas como chegar  
a casa ainda de dia, ou passear no bairro sem destino  
nem aquele vapor empurrado pela ventania,  
comprar cerejas no mercado, não repetindo o caminho  
que lembra a ideia de passar um verão sem ti.  
Cansados, sentamo-nos diante de papéis comprados  
na rua. Agradeço o teu olhar — «Vem cá», como quando  
me levaste da primeira vez, com aquele rosto  
de musa romântica, a ver o pôr do sol à beira do rio.  
Respira da mesma forma, mostra devagar a pele,  
recorda essa música, repete só em segredo  
o pequeno atlas que resume toda a tua história,  
eu agradeço a chuva antes de chover em Chaoyang  
e uma luz tão brava que nos salva do medo.

## NOTA DO AUTOR

Volto a repetir o que escrevi em anterior reunião destes e de outros versos, sempre mais antigos uns do que outros: que há neste gesto alguma vaidade desnecessária e, ao mesmo tempo, a sensação de que se sobrevoou uma parte do deserto. Não há emendas adicionais — os versos são o que foram, não tenho desculpa.

Devo alguns agradecimentos, que são pessoais, exceto dois: aos meus editores de poesia, Zeferino Coelho e Jorge Reis-Sá. A Zeferino Coelho, da Editorial Caminho, decano de editores, mestre, leitor maravilhoso — e cheio do seu riso amável —, agradeço o muito que aprendi e que todos lhe deveremos pela vida fora. Ao Jorge, que tem sido um editor resistente e amigo de várias circunstâncias, agradeço ter sempre reunido os meus poemas, que andavam soltos e sem propósito. Com ambos aprendi também a ser grato.

*Julho de 2019*

COLEÇÃO

PLURAL

POESIA

Criada em 1982 por Vasco Graça Moura, então administrador responsável pelo pelouro editorial na INCM, a Plural acolheu, até ao fecho daquela década, obras de novos mas já promissores autores, que tiveram nela a sua primeira oportunidade de publicação. Entre os títulos publicados encontram-se obras de ficção, ensaio, dramaturgia e mesmo artes plásticas, mas sobretudo de poesia. A INCM assumia deste modo o papel de serviço público que lhe cabe desde a sua fundação, neste caso dando oportunidade aos novos.

Com a criação do Prémio INCM | Vasco Graça Moura em 2015, a editora pública decide também fazer reviver esta emblemática coleção e o essencial do seu objetivo. É desígnio da nova Plural publicar as obras poéticas distinguidas no âmbito do Prémio, mas também outras obras de indubitável qualidade que não encontraram ainda a justa oportunidade de publicação ou que são de acesso difícil para o público português.

Esta coleção renasce como espaço dedicado à poesia do grande universo da língua portuguesa — espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade — homenageando a memória plural do renascentista português dos séculos XX e XXI que foi Vasco Graça Moura.

DEIXAR UM VERSO A MEIO  
Coleção Plural

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
© Francisco José Viegas

Direção literária: Jorge Reis-Sá  
Capa e *design* de coleção: André Letria  
Revisão: Mário Azevedo  
Paginação: Magda M. Coelho

Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro  
e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo)  
e Geltex 111LS Branco (capa)

ISBN: 978-972-27-2794-5  
Depósito legal: 458 497/19  
Código de edição: 1023408  
1.ª edição: julho de 2019

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.  
Av. António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[prelo.incm.pt](http://prelo.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

**Francisco José Viegas** nasceu em 1962. Escritor, jornalista e editor, foi também professor, diretor das revistas *LER* (que mantém) e *Grande Reportagem*, e da Casa Fernando Pessoa. Colaborou em vários jornais e revistas, e foi autor de diversos programas na rádio e na televisão. Da sua obra destacam-se livros de poesia – entre eles, *Metade da Vida*, *O Puro e o Impuro* e *Se Me Comovesse o Amor* – e de ficção – como *Regresso por um Rio*, *As Duas Águas do Mar*, *Um Céu Demasiado Azul*, *Um Crime na Exposição*, *Um Crime Capital*, *Lourenço Marques*, *Longe de Manaus* (Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores 2005), *O Mar em Casablanca*, *O Colecionador de Erva* e *A Poeira Que Cai sobre a Terra*. A maior parte dos seus livros está publicada no estrangeiro. Escreveu também crónica, teatro, livros de viagem e gastronomia. Foi Secretário de Estado da Cultura no XIX Governo. É atualmente editor da Quetzal, diretor da revista *LER* e mantém, desde 2008, uma coluna diária no *Correio da Manhã*. Os seus livros policiais popularizaram a figura do detetive Jaime Ramos.

**M**  
I  
N  
A  
C  
I  
O  
N  
A  
L

COLEÇÃO PLURAL POESIA



ISBN 978-972-21-794-5